

O JULGAMENTO DE GABRIEL

SYLVAIN REYNARD



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

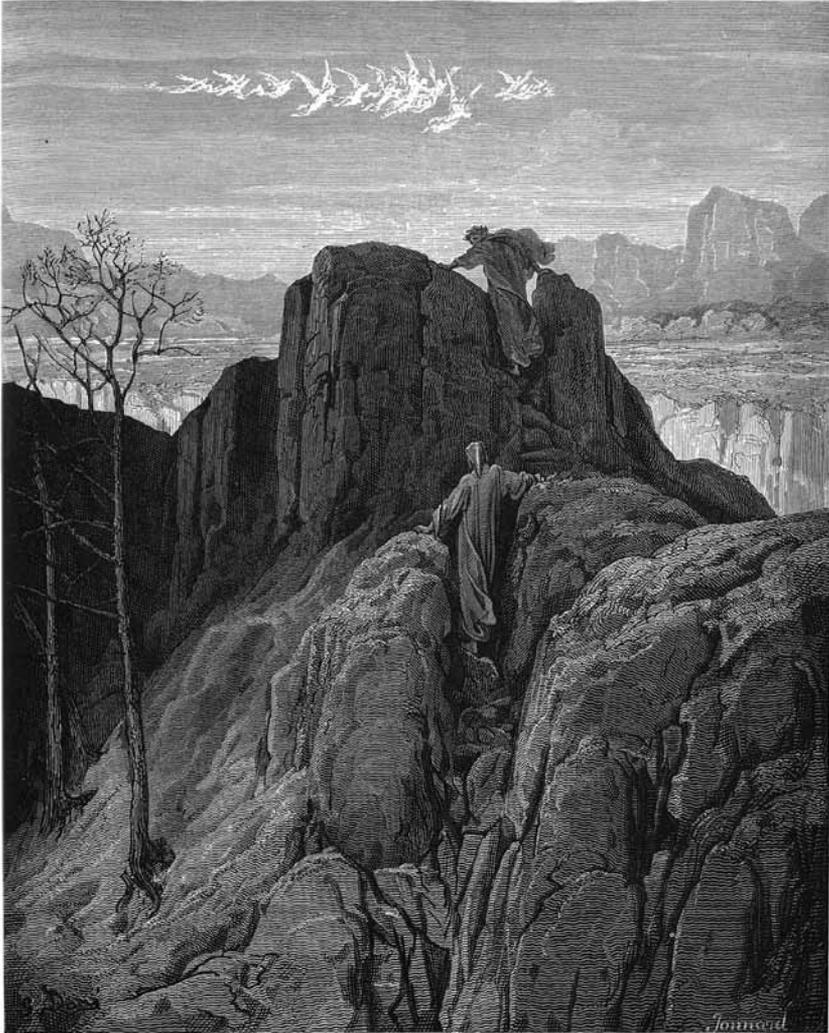
Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Aos meus leitores,
com gratidão.*



Dante seguindo Virgílio montanha acima

Gravura de Gustave Doré, 1870

“E cantarei agora aquele segundo reino
No qual o espírito humano se purifica
E torna-se digno de ascender ao Paraíso.”

– DANTE ALIGHIERI, *Purgatório*, Canto 1.004-006

PRÓLOGO

Florença, 1290

O poeta deixou o bilhete cair no chão com a mão trêmula. Ficou alguns instantes sentado, imóvel como uma estátua. Então, cerrando os dentes com força, levantou-se e atravessou sua casa em alvoroço, ignorando mesas e objetos frágeis, desdenhando os demais moradores.

Desejava ver apenas uma pessoa.

Ele cruzou as ruas da cidade depressa, quase correndo, a caminho do rio. Parou à beira da ponte – a ponte deles –, seus olhos umedecidos vasculhando avidamente a margem mais próxima, em busca de qualquer vislumbre de sua amada.

Não havia nem sinal dela.

Ela jamais voltaria.

Sua amada Beatriz se fora.

CAPÍTULO UM

O professor Gabriel Emerson estava sentado na cama, nu, lendo o jornal florentino *La Nazione*. Havia acordado cedo na cobertura Palazzo Vecchio do Gallery Hotel Art e pedira o serviço de quarto, mas não conseguiu resistir à tentação de voltar para a cama e ficar observando a jovem dormir. Ela estava deitada de lado, virada para ele, respirando de modo suave. Um diamante brilhava em sua orelha, suas faces estavam rosadas por causa do calor. O sol entrava pelas janelas panorâmicas, iluminando a cama.

As cobertas, deliciosamente amarrotadas, recendiam a sexo e sândalo. Seus olhos azuis brilharam, explorando-a sem pressa, a pele exposta, os cabelos longos e negros. Quando tornou a voltar sua atenção para o jornal, ela se mexeu um pouco e gemeu. Preocupado, ele atirou o jornal de lado.

Ela puxou os joelhos para junto do peito, enroscando-se na cama. Murmúrios escaparam de seus lábios e Gabriel se inclinou para mais perto, tentando decifrar o que ela dizia. Mas não conseguiu.

De repente, seu corpo se contorceu e ela deu um grito de cortar o coração. Seus braços se debateram, lutando com o lençol que a cobria.

– Julianne?

Ele pousou de leve a mão sobre seu ombro nu, mas ela se encolheu ao toque.

Começou a balbuciar o nome dele repetidamente, o tom de voz cada vez mais apavorado.

– Julia, estou aqui – disse ele, elevando a voz.

No instante em que tornou a estender a mão para tocá-la, ela se sentou na cama com as costas eretas, ofegante.

– Você está bem?

Gabriel se aproximou, resistindo ao impulso de tocá-la. Ela respirava com dificuldade e, sob o olhar vigilante dele, cobriu os olhos com a mão trêmula.

– Julia?

Após um longo minuto de tensão, ela o encarou de olhos arregalados.

Ele fechou a cara.

– O que houve?

Ela engoliu em seco.

– Um pesadelo.

– Sobre o quê?

– Eu estava no bosque atrás da casa dos seus pais, em Selinsgrove.

As sobancelhas de Gabriel se uniram atrás dos óculos de armação preta.

– Por que você sonharia com isso?

Ela respirou fundo, cobrindo os seios com o lençol e levando-o até o queixo. A coberta, volumosa e branca, engoliu suas formas delicadas antes de ondular como uma nuvem por sobre o colchão. Aos olhos dele, ela parecia uma estátua ateniense.

Ele correu os dedos com carinho por sua pele.

– Julianne, fale comigo.

Ela se contorceu sob o seu olhar penetrante, mas ele se recusou a soltá-la.

– O sonho começou muito bonito. Nós fizemos amor à luz das estrelas e eu adormeci em seus braços. Mas, quando acordei, você tinha sumido.

– Está me dizendo que sonhou que fiz amor com você e depois a abandonei?

– A voz dele ficou mais fria para disfarçar seu desconforto.

– Eu já acordei no pomar sem você antes – disse ela a meia voz, em tom de censura.

O fogo de Gabriel se apagou na mesma hora. Ele pensou naquela noite mágica seis anos antes, quando eles se conheceram e apenas conversaram e ficaram abraçados. Ele havia acordado na manhã seguinte e fora embora, deixando sozinha uma adolescente adormecida. A ansiedade dela era compreensível e até comovente.

Um a um, Gabriel abriu e beijou os dedos cerrados dela, arrependido.

– Eu amo você, Beatriz. Não vou abandoná-la. Você sabe disso, não sabe?

– Doeria muito mais perder você agora.

Franzindo a testa, ele passou um braço em volta dela, pressionando seu rosto contra o peito. Uma enxurrada de lembranças lhe invadiu a mente enquanto ele pensava nos acontecimentos da noite anterior. Tinha visto Julia nua pela primeira vez e a iniciara nas intimidades do sexo. Ela compartilhara sua inocência com ele, que acreditava tê-la feito feliz. Sem dúvida havia sido uma das melhores noites da sua vida. Ele refletiu sobre isso por alguns instantes.

– Você se arrepende da noite passada? – perguntou.

– Não. Estou feliz que você tenha sido o primeiro. Foi o que eu sempre quis, desde que nos conhecemos.

Ele pousou a mão no rosto dela, acariciando sua pele com o polegar.

– É uma honra ter sido o seu primeiro. – Ele se inclinou para a frente, seu olhar fixo. – Mas também quero ser o último.

Ela sorriu e levou os lábios ao encontro dos dele. Porém, antes que Gabriel pudesse abraçá-la, as badaladas do Big Ben ecoaram pelo quarto.

– Deixe isso para lá – sussurrou ele, irritado, esticando o corpo sobre o dela e obrigando-a a se deitar.

Ela lançou um olhar por sobre o ombro dele, em direção ao iPhone que tocava em cima da mesa.

– Achei que ela não fosse mais ligar para você.

– Não vou atender, então não tem importância. – Ele se ajoelhou entre as pernas dela e a descobriu. – Na minha cama, só existimos nós dois.

Ela perscrutou os olhos dele enquanto Gabriel colava seu corpo nu ao dela.

Ele se inclinou para a frente a fim de beijá-la, mas ela virou a cabeça.

– Ainda não escovei os dentes.

– Não me importo.

Ele baixou os lábios até seu pescoço, beijando-o e sentindo sua pulsação acelerada.

– Prefiro fazer a toaleta antes.

Ele bufou, frustrado, e se apoiou num dos cotovelos.

– Não deixe Paulina estragar as coisas entre nós.

– Não vou deixar.

Ela tentou rolar de baixo dele e levar o lençol, mas Gabriel o agarrou. Olhou para Julia por sobre a armação dos óculos, os olhos faiscando de malícia.

– Preciso do lençol para fazer a cama.

Os olhos de Julia se desviaram do tecido branco preso entre os dedos dele e foram até seu rosto. Gabriel parecia uma pantera prestes a atacar. Ela lançou um olhar para a pilha de roupas no chão. Estavam fora do seu alcance.

– Qual o problema? – perguntou ele, contendo um sorriso.

Julia ficou vermelha e segurou o lençol com mais força. Com uma risadinha, Gabriel o soltou e a puxou para seus braços.

– Não precisa ser tímida. Você é linda. Se eu pudesse escolher, você nunca mais se vestiria.

Gabriel pressionou os lábios no lóbulo da orelha dela, roçando o brinco de diamante. Estava seguro de que Grace, sua mãe adotiva, teria ficado feliz em saber que Julia recebera seus brincos. Com outro beijo suave, ele se virou, sentando-se na beirada da cama.

Ela correu para o banheiro, mas não antes de Gabriel conseguir ter um vislumbre de seu traseiro encantador quando ela largou o lençol, imediatamente antes de cruzar a porta.

Enquanto escovava os dentes, ela pensou no que havia acontecido. Fazer amor com Gabriel tinha sido uma experiência muito intensa, e seu coração ainda es-

tava abalado. O que não era nenhuma surpresa, levando-se em conta a história dos dois. Ela o desejava desde os 17 anos, quando haviam passado uma noite inocente juntos num pomar, mas, ao acordar na manhã seguinte, ele tinha desaparecido. Como estava bêbado e drogado quando tudo aconteceu, Gabriel havia se esquecido dela. Julia só voltou a vê-lo depois de seis longos anos, mas ainda assim ele não se lembrou dela de imediato.

Quando o reencontrou, no primeiro dia do curso que Gabriel ministrava na pós-graduação da Universidade de Toronto, ele lhe pareceu atraente porém frio, como uma estrela distante. Na época, não acreditava que pudessem se tornar amantes. Achava impossível que o professor temperamental e arrogante correspondesse a seu afeto.

Havia muitas coisas que ela não sabia. O sexo era uma forma de conhecimento, e agora ela sentia uma pontada de ciúme que nunca havia experimentado. A simples ideia de que Gabriel havia feito com outra mulher (no caso dele, com muitas outras) o que fizera com ela lhe dava um aperto no peito.

Ela sabia que os encontros de Gabriel eram diferentes do que eles haviam compartilhado – aventuras que nada tinham a ver com amor ou afeto. Mas ele despira aquelas mulheres, vira-as nuas e as penetrara. Quantas delas não desejaram mais depois de terem estado com ele? Paulina havia desejado. Ela e Gabriel tinham mantido contato ao longo dos anos, desde que perderam o bebê deles.

A nova maneira de Julia encarar o sexo mudou sua compreensão do passado dele e a tornou mais solidária com o drama de Paulina. E ainda mais precavida contra perder Gabriel para ela ou para qualquer outra mulher.

Sentindo-se invadida por uma onda de insegurança, Julia se agarrou a uma das pias do banheiro. Gabriel a amava, ela acreditava nisso. Mas também era um cavalheiro e por isso jamais revelaria que a relação deles o deixara insatisfeito. E quanto ao seu próprio comportamento? Ela havia feito perguntas e falado em momentos nos quais imaginava que a maioria das amantes teria ficado calada. Tinha feito muito pouco para agradá-lo e, quando tentou, ele a impedira.

Julia voltou a ouvir as palavras do seu ex-namorado, girando em sua mente como gritos de condenação:

Você é frígida. Vai ser péssima de cama.

Ela deu as costas para o espelho, refletindo sobre o que poderia acontecer se Gabriel estivesse insatisfeito com ela. O espectro da traição mostrou sua cabeça maléfica, trazendo consigo visões de quando ela encontrou Simon na cama com sua colega de quarto.

Ela empertigou os ombros. Estava confiante de que, se convencesse Gabriel a

ser paciente e ensiná-la, poderia dar prazer a ele. Gabriel a amava e lhe daria uma chance. Ela pertencia a ele, como se seu nome estivesse gravado a ferro e fogo na pele dela.

Quando saiu do banheiro, ela o viu através da porta aberta do terraço. No caminho, se distraiu com um belo vaso de flores roxo-escuras e lírios mais claros, matizados, em cima da mesa. Alguns amantes teriam comprado rosas vermelhas de caules longos, mas Gabriel, não.

Ela abriu o cartão que estava aninhado entre as flores.

*Minha querida Julianne,
Obrigado pelo seu inestimável presente.
A única coisa que tenho de valor é o meu coração.
Ele é seu,
Gabriel.*

Julia releu o cartão duas vezes, seu coração inflando de amor e alívio. As palavras de Gabriel não pareciam as de um homem insatisfeito ou frustrado. Quaisquer que fossem suas aflições, Gabriel não parecia compartilhar delas.

Ele estava tomando sol no futon, sem os óculos, com o peito exposto. Com seu corpo musculoso, de quase 1,90 metro de altura, era como se o próprio Apolo tivesse se dignado a lhe fazer uma visita. Notando sua presença no terraço, ele abriu os olhos e deu um tapinha no próprio colo. Julia se juntou a ele, que a abraçou e beijou apaixonadamente.

– Ora, ora. Olá – murmurou ele, afastando do rosto dela um cacho solto. Ele a analisou com atenção. – Qual é o problema?

– Nada. Obrigada pelas flores. São lindas.

Ele roçou os lábios nos dela.

– Não tem de quê. Você parece preocupada. É por causa de Paulina?

– Estou chateada por ela ligar para você, mas não é isso. – O rosto de Julia se iluminou. – Obrigada pelo cartão. Ele diz o que eu precisava desesperadamente ouvir.

– Fico feliz. – Ele a abraçou mais apertado. – O que está incomodando você?

Julia remexeu no cinto do roupão por alguns instantes, até que Gabriel pegou a mão dela. Ela o encarou.

– A noite de ontem foi o que você esperava?

Gabriel expirou com força, surpreso com a pergunta.

– Por que isso?

– Sei que deveria ter sido diferente para você. Eu não fui muito... ativa.

– Ativa? Do que você está falando?

– Não fiz muita coisa para lhe dar prazer. – Ela ficou vermelha.

Ele acariciou sua pele de leve com a ponta de um dedo.

– Você me deu muito prazer. Sei que estava nervosa, mas desfrutei imensamente de tudo. Pertencemos um ao outro agora, em todos os sentidos. O que mais a está perturbando?

– Exigi que trocássemos de posição quando você preferia que eu ficasse por cima.

– Você não exigiu nada, você *pediu*. Para ser sincero, Julianne, eu gostaria de ouvi-la exigir coisas de mim. Quero saber que você me deseja tão loucamente quanto eu a desejo. – A expressão de Gabriel relaxou e ele desenhou círculos em volta dos seios dela. – Você sonhava que nossa primeira vez fosse de uma determinada maneira. Eu quis lhe dar isso, mas estava preocupado. E se você se sentisse desconfortável? E se eu não fosse cuidadoso o suficiente? A noite passada foi uma primeira vez para mim também.

Ele a soltou, serviu café e leite vaporizado de duas jarras separadas numa xícara para preparar um *latte* e pousou a bandeja de comida na banquetta entre os dois. Havia folhados e frutas, torradas e Nutella, ovos cozidos e queijo, vários *Baci Perugina* que Gabriel havia subornado um funcionário do hotel para que fosse comprar, além do extravagante buquê de lírios do Giardino dell'Iris.

Julia desembulhou um dos *Baci* e o comeu, fechando os olhos de prazer.

– Você pediu um banquete – comentou.

– Acordei faminto hoje. Teria esperado você, mas... – Ele balançou a cabeça enquanto pegava uma uva e a encarava com um olhar faiscante. – Abra a boca.

Julia obedeceu e ele pôs delicadamente a uva, correndo o dedo de forma tentadora por seu lábio inferior.

– Você precisa beber isto, por favor.

Ele lhe entregou uma taça de suco de cranberry com água tônica.

Ela revirou os olhos.

– Você é superprotetor.

Ele balançou a cabeça.

– É assim que um homem se comporta quando está apaixonado e quer que sua amada fique bem-disposta para todo o sexo que planeja fazer com ela.

Ele lhe deu uma piscadela convencida.

– Não vou perguntar como você sabe sobre esse tipo de coisa. Dê isso aqui.

Ela pegou a taça da mão dele e bebeu o suco, os olhos fixos nos de Gabriel, que ria.

– Você é adorável.

Ela lhe mostrou a língua antes de montar um prato de café da manhã.

– Como está se sentindo hoje? – perguntou Gabriel com ar de preocupação.

Ela comeu um pedaço de queijo Fontina.

– Bem.

Ele apertou os lábios com força, como se a resposta dela o desagradasse.

– Fazer amor muda as coisas entre um homem e uma mulher – disse ele, instigando-a.

Ela perdeu a cor na mesma hora.

– Hum... você não está feliz com o que nós fizemos?

– É claro que estou. Quero descobrir se você está. E, pelo que me disse até o momento, estou preocupado que não esteja.

Julia brincou com o tecido do seu roupão, evitando o olhar perscrutador de Gabriel.

– Quando eu estava na faculdade, as garotas que moravam no meu andar costumavam se juntar para falar dos namorados. Uma noite, contaram histórias sobre a primeira vez delas. – Ela mordiscou a ponta de um dos seus dedos. – Poucas tinham coisas boas a dizer. A maioria das histórias era terrível. Uma tinha sofrido abuso sexual quando criança. Outras haviam sido forçadas pelo namorado ou pelo cara com quem estavam saindo. Várias disseram que a primeira vez tinha sido desastrosa e decepcionante: um namorado gemendo e terminando rápido demais. Eu pensava que, se isso era o máximo que poderia esperar, seria melhor continuar virgem.

– Que coisa horrível.

Ela ficou olhando fixamente para a bandeja de café.

– Eu queria ser amada. Decidi que seria melhor ter uma relação casta, afetuosa e intelectual, por meio de cartas, do que um relacionamento sexual. Tinha minhas dúvidas se algum dia encontraria alguém capaz de me dar as duas coisas. Simon certamente não me amava. E, agora que estou numa relação com um deus do sexo, não posso lhe oferecer nada parecido com o prazer que ele me dá.

Gabriel arqueou as sobrancelhas.

– Deus do sexo? Não é a primeira vez que você diz isso, mas, acredite, não sou...

Ela o interrompeu, olhando bem fundo nos seus olhos:

– Por favor, me ensine. Tenho certeza de que a noite de ontem não foi tão, hum... satisfatória quanto costuma ser para você, mas prometo que, se tiver paciência comigo, irei melhorar.

Ele praguejou disfarçadamente.

– Venha cá.

Gabriel a puxou, fazendo-a contornar a bandeja, e tornou a sentá-la em seu colo, envolvendo-a com os braços. Ficou calado por alguns instantes antes de suspirar com força.

– Você acha que as minhas relações anteriores foram totalmente satisfatórias, mas está enganada. Você me deu algo que eu nunca tive: amor e sexo juntos. Foi minha única amante no verdadeiro sentido da palavra.

Ele a beijou com carinho, como se confirmasse de forma solene o que dizia.

– A expectativa e os encantos de uma mulher são cruciais para a experiência. Posso dizer sem medo que nunca tive nada parecido com os seus encantos e nunca experimentei tamanha expectativa. Acrescente a isso a experiência de fazer amor pela primeira vez... Faltam-me palavras.

Ela assentiu, mas algo no seu gesto o inquietou.

– Juro que não estou bajulando você. – Ele fez uma pausa, como se ponderasse bem o que diria em seguida. – Sob o risco de parecer um Neandertal, talvez eu deva lhe dizer que sua inocência é extremamente erótica. A ideia de que eu possa ser o homem que irá lhe ensinar sobre sexo... de que alguém tão recatada seja também tão passional... – Ele deixou a frase no ar, encarando-a com um olhar intenso. – Você poderia se tornar mais habilidosa na arte do amor se aprendesse novos truques e novas posições, mas não pode se tornar mais atraente ou mais sexualmente satisfatória. Não para mim.

Julia se inclinou para a frente e o beijou.

– Obrigada por cuidar tão bem de mim ontem à noite – sussurrou ela, corando.

– Quanto a Paulina, deixe que eu me preocupe com ela. Por favor, esqueça que ela existe.

Julia voltou sua atenção para o seu café da manhã intocado, resistindo ao impulso de discutir com ele.

– Não quer me contar sobre a sua primeira vez?

– Acho melhor não.

Ela se ocupou com um folhado enquanto tentava pensar num assunto mais seguro. As agruras financeiras da Europa logo lhe vieram à mente.

Ele esfregou os olhos com as mãos, cobrindo-os por alguns instantes. Sabia que seria muito fácil mentir, mas, depois de tudo o que Julia lhe dera, ela merecia conhecer seus segredos.

– Você se lembra de Jamie Roberts?

– Claro.

Gabriel baixou as mãos.

– Foi com ela que perdi a virgindade.

Julia arqueou as sobrancelhas. Jamais gostara de Jamie e de sua mãe controladora, que nunca tinham sido muito simpáticas com ela. Nem imaginava que a agente Roberts, que tinha investigado a agressão de Simon contra ela um mês antes, pudesse ter sido a primeira mulher de Gabriel.

– Não foi a melhor experiência do mundo – falou ele, baixinho. – Na verdade, diria que foi até traumatizante. Eu não a amava. Havia certa atração, é claro, mas nenhum afeto verdadeiro. Nós estudamos juntos no ensino médio. Um belo dia, ela se sentou do meu lado na aula de história. – Gabriel deu de ombros. – Começamos a flertar e a dar uns amassos depois da escola e, com o passar do tempo... – Gabriel fez uma pausa antes de prosseguir: – Jamie era virgem, mas mentiu sobre isso. Não fui nada cuidadoso com ela. Fui egoísta e estúpido. – Ele praguejou. – Ela disse que não tinha machucado muito, mas vi sangue depois. Fiquei me sentindo um animal e me arrependi para sempre do que havia acontecido. – Gabriel se encolheu e Julia sentiu a culpa irradiar do seu corpo. Sua descrição dos fatos quase lhe embrulhou o estômago, mas também explicava muita coisa.

– Que terrível. Sinto muito. – Ela apertou sua mão. – É por isso que estava tão preocupado ontem à noite?

Ele assentiu.

– Ela enganou você – disse Julia.

– Meu comportamento foi indesculpável, mesmo depois. – Ele pigarreou. – Ela achou que tivéssemos um relacionamento, mas eu não estava interessado. O que só piorou as coisas, é claro. Eu evoluí de um simples animal para um animal *babaca*. Fazia anos que eu não falava com ela. Quando a encontrei, no Dia de Ação de Graças, pedi que me perdoasse. Ela foi extremamente gentil. Sempre me senti culpado por tê-la tratado mal. Mantive distância de virgens desde então. – Ele engoliu em seco. – Até ontem à noite. Primeiras vezes deveriam ser doces, mas quase nunca são. Enquanto você estava preocupada em me dar prazer, eu estava preocupado em lhe dar prazer também. Talvez tenha sido cauteloso demais, superprotetor, mas nunca me perdoaria se machucasse você.

Julia deixou o café da manhã de lado e acariciou o rosto dele.

– Você foi muito gentil e generoso. Nunca senti tanta alegria na vida, e isso porque você me amou não apenas com o seu corpo. Obrigada.

Como se quisesse provar que ela estava certa, Gabriel a beijou com intensidade. Julia gemeu quando as mãos dele se emaranharam em seus cabelos. Ela

passou os braços em volta do pescoço dele. Gabriel deslizou as mãos entre seus corpos até a parte da frente do roupão dela, abrindo-o com hesitação. Ele ergueu a cabeça, uma pergunta em seus olhos.

Ela assentiu.

Ele começou a beijar de leve seu pescoço e subiu para puxar o lóbulo da sua orelha com a boca.

– Como está se sentindo?

– Ótima – sussurrou ela enquanto os lábios de Gabriel deslizavam por seu pescoço.

Ele se moveu para que pudesse ver o rosto dela, deslizando uma das mãos até descansar sobre a parte de baixo do seu abdome.

– Está doendo?

– Um pouco.

– Então é melhor esperarmos.

– Não!

Ele riu, seus lábios se abrindo no sorriso sedutor característico.

– Ontem à noite você estava falando sério quando disse que queria fazer amor aqui fora?

Ela estremeceu diante da maneira como a voz dele a incendiava, mas retribuiu o sorriso, enroscando os dedos pelos seus cabelos e puxando-o para mais perto. Gabriel abriu o roupão dela e começou a explorar suas curvas com as duas mãos antes de descer a boca para beijar seus seios.

– Você ficou tímida comigo hoje de manhã. – Ele plantou um beijo reverente na altura do coração dela. – O que mudou?

Julia esfregou o rosto na pequena covinha no queixo dele.

– Acho que sempre vou ficar um pouco encabulada por estar nua. Mas quero você. Quero que olhe nos meus olhos e diga que me ama enquanto se move dentro de mim. Vou me lembrar disso até o dia em que eu morrer.

– Eu não vou deixá-la esquecer – sussurrou ele.

Ele a despiu e a deitou de costas.

– Está com frio?

– Não nos seus braços – sussurrou ela, sorrindo. – Não prefere que eu fique em cima? Gostaria de experimentar.

Ele arrancou seu próprio roupão e a cueca samba-canção e cobriu o corpo de Julia com o seu, pousando as mãos em suas faces.

– Alguém lá fora poderia ver você, querida. E isso seria inaceitável. Só eu posso ver este corpo lindo. Embora os vizinhos e passantes talvez consigam *ouvi-la...*

pela próxima hora, mais ou menos... – Ele deu uma risadinha, enquanto ela respirava fundo, um tremor de prazer descendo até os dedos dos seus pés.

Ele a beijou, afastando os cabelos do seu rosto.

– Meu objetivo é ver quantas vezes consigo satisfazê-la antes de não poder mais me conter.

Ela sorriu.

– Isso me parece muito bom.

– Também acho. Então, deixe-me ouvir você.

O céu azul ruborizou-se diante de tamanha paixão, enquanto, lá no alto, o sol florentino sorria, aquecendo os amantes apesar da brisa suave. Ao lado deles, o café com leite de Julia ficou frio e aborrecido por ter sido tratado com tamanho desdém.



Após um breve cochilo, Julia pegou o MacBook de Gabriel emprestado a fim de enviar um e-mail para o pai. Havia duas mensagens importantes na sua caixa de entrada. A primeira era de Rachel.

Jules!

Tudo bem? Meu irmão está se comportando? Você já dormiu com ele? Sim, essa é uma pergunta TOTALMENTE indiscreta, mas a verdade é que, se estivesse saindo com qualquer outra pessoa, você me contaria.

Não vou lhe dar nenhum conselho. Estou tentando não pensar muito no assunto. Só me diga que está feliz e que ele a trata bem.

Aaron está mandando um abraço.

Bjs,

Rachel.

P.S.: Scott está de namorada nova. Ele tem feito muito segredo, então não sei há quanto tempo eles estão juntos. Vivo enchendo o saco dele para me apresentar a garota, mas ele se recusa.

Talvez ela seja professora.

Julia deu uma risadinha, feliz por Gabriel estar no banho e não lendo por cima de seu ombro. Ele ficaria incomodado ao ver a irmã fazendo perguntas tão pessoais. Ela pensou por alguns instantes antes de começar a digitar a resposta.

Oi, Rachel.

O hotel é lindo. Gabriel tem sido um doce. Ele me deu os brincos de diamantes da sua mãe. Você sabia disso?

Estou me sentindo culpada, então, se isso incomodar você de alguma forma, por favor, me avise.

Quanto à sua outra pergunta, sim. Gabriel me trata muito bem e estou MUITO feliz.

Dê um abraço em Aaron por mim. Espero ansiosamente pelo Natal.

Bjs,

Julia.

P.S.: Espero que a namorada de Scott seja mesmo professora. Gabriel vai encher o saco dele.

O segundo e-mail era de Paul. Dava para ver que ele estava sofrendo por Julia, mas também se sentia grato pelo fato de os dois continuarem amigos. Ele preferiria guardar seus sentimentos a perdê-la por completo. E tinha que admitir que, desde que começara a namorar esse tal de Owen, sua pele estava incrível.

(Não que ele fosse comentar isso, claro.)

Oi, Julia.

Desculpe não ter conseguido me despedir antes de você ir para casa. Espero que tenha um bom Natal. Tenho um presente para você. Pode me dar seu endereço na Pensilvânia para eu enviá-lo?

Estou de volta à fazenda, tentando encontrar tempo para trabalhar na minha tese em meio a reuniões cheias de parentes e às tarefas para ajudar meu pai, que me obrigam a acordar muito cedo. Digo apenas que a minha rotina diária envolve bastante esterco...

Posso levar algo de Vermont para você?

Uma Holstein, talvez?

Feliz Natal,

Paul.

P.S.: Soube que Emerson aceitou a proposta de tese de Christa Peterson?

Parece que o Natal é mesmo uma época de milagres.

Julia ficou olhando para a tela do computador, lendo e relendo o P.S. de Paul. Não sabia bem como interpretá-lo. Talvez, pensou, Gabriel tivesse aceitado a proposta de Christa porque ela o ameaçou.

Julia não queria trazer à tona um assunto tão desagradável durante as férias deles, mas aquela notícia a perturbou. Ela escreveu uma breve resposta para Paul,

dando-lhe seu endereço. Em seguida mandou um e-mail para o pai, dizendo-lhe que Gabriel a estava tratando como se fosse uma princesa. Depois fechou o laptop e suspirou.

Ouviu a voz de Gabriel atrás de si:

- Isso não me parece uma Julianne feliz.
- Acho que vou ignorar minha caixa de e-mails até o fim da viagem.
- Boa ideia.

Julia se virou e o viu parado diante dela, ainda molhado, com o cabelo despen-teado e uma toalha branca enrolada nos quadris.

- Você é lindo – disse ela sem pensar.

Gabriel riu e a puxou, fazendo com que ela se levantasse, para abraçá-la.

- Você tem uma queda por homens de toalha, Srta. Mitchell?
- Talvez por um homem em especial.
- Você está bem? – Ele ergueu as sobrancelhas, ansioso, com uma expressão voraz no rosto.

- Estou sentindo um pouco de desconforto, mas valeu a pena.

Ele estreitou os olhos.

– Precisa me avisar quando eu estiver machucando você, Julianne. Não escon-da as coisas de mim.

Ela revirou os olhos.

– Gabriel, você não me *machucou*. É só um pequeno desconforto. Nem notei *du-rante*, porque tinha outras coisas na cabeça: *várias* coisas. Você me distraiu, e muito.

Ele sorriu e beijou ruidosamente seu pescoço.

– Você precisa começar a me deixar distrair você no chuveiro. Estou cansado de tomar banho sozinho.

- Parece uma ótima ideia. E você, como está?

Ele fingiu pensar na pergunta.

– Deixe-me ver, sexo quente e barulhento com minha amada entre quatro paredes e *ao ar livre*... É, eu diria que estou ótimo.

Gabriel lhe deu um abraço apertado e o tecido de algodão da blusa de Julia absorveu algumas das gotas na pele dele.

– Prometo que não vai ser sempre desconfortável. Com o tempo, seu corpo vai passar a me reconhecer.

- Ele já reconhece. E sente sua falta – sussurrou ela.

Gabriel afastou a parte de cima do roupão dela e beijou seu ombro. Depois de abraçá-la com carinho, ele foi até a cama, pegou um frasco de ibuprofeno e o entregou a ela.

– Tenho que ir até a Galleria degli Uffizi para uma reunião, depois vou buscar meu terno novo no alfaiate. – Ele pareceu preocupado. – Você se importa de comprar seu vestido sozinha? Eu iria com você, mas, por causa dessa reunião, não terei muito tempo livre...

– Nem um pouco.

– Se conseguir se arrumar em meia hora, podemos sair juntos.

Julia seguiu Gabriel até o banheiro. Já havia esquecido qualquer pensamento sobre Christa e Paul.

Depois do banho, ela parou para secar os cabelos diante de uma das pias do banheiro, enquanto Gabriel se barbeava na outra. Ela se surpreendeu olhando para ele, observando-o fazer seus preparativos para se barbear com uma precisão militar. Por fim, desistiu de passar batom e apenas ficou recostada na pia, assistindo.

Ele continuava nu até a cintura, a toalha bem baixa nos quadris. Seus olhos azuis brilhantes, muito concentrados, se estreitavam por trás dos óculos de armação preta e seu cabelo úmido estava penteado de forma impecável.

Julia conteve uma risada diante de sua obsessão pela perfeição. Gabriel usou um pincel com cabo de madeira preto para misturar a espuma de barbear. Depois de espalhar a espuma no rosto, ele usou um barbeador de metal.

(Para certos professores, aparelhos de barbear descartáveis não são bons o suficiente.)

– O que foi? – Ele se virou, notando que Julia o devorava com os olhos.

– Eu te amo.

A expressão no rosto dele ficou mais suave.

– Também te amo, querida.

– Você é a única pessoa que usa a palavra *querida* com tanta frequência.

– Isso não é verdade.

– Não?

– Richard chamava Grace assim – disse Gabriel, lançando-lhe um olhar triste.

– Richard é antiquado, no melhor sentido da palavra. – Ela sorriu. – Adoro o fato de você também ser.

Gabriel bufou e voltou a se barbear.

– Se eu fosse tão antiquado, não teria feito amor com você ao ar livre. E não estaria fantasiando em apresentá-la a algumas das minhas posições favoritas do *Kama sutra*. – Ele lhe deu uma piscadela. – Mas *sou* um pretensioso de uma figa e tenho um temperamento dos diabos. Você vai ter que me amansar.

– E como devo fazer isso, professor Emerson?

– Nunca me deixe. – Ele baixou o tom de voz e se virou para encará-la.

- Estou mais preocupada em perder você.
- Gabriel se inclinou na direção de Julia e beijou sua testa.
- Não tem por que se preocupar.

CAPÍTULO DOIS

Ao sair do quarto, Julia sentia-se nervosa. Gabriel havia providenciado tudo para que ela fizesse compras em sua conta na loja Prada mais próxima. O vestido que escolhera era de tafetá de seda azul Santorini, com gola V e sem mangas. O modelo em A tinha saia plissada e lembrava o tipo de vestido que Grace Kelly usava na década de 1950. Ficava perfeito em Julia.

A gerente da loja havia sugerido alguns acessórios para modernizar o visual e Julia escolheu uma elegante *clutch* de couro e um par de sapatos de verniz de salto agulha e cor de tangerina que achou perigosamente altos. Uma *pashmina* preta completava o conjunto.

Hesitante, ela parou na sala de estar; seu cabelo cacheado estava solto; os olhos, cintilantes, reluzentes. Ela usava os brincos de diamantes e o colar de pérolas que tinham sido de Grace.

Gabriel estava sentado no sofá, fazendo mudanças de última hora em suas anotações para a palestra. Quando a viu, tirou os óculos e se levantou.

- Você está deslumbrante. - Ele beijou seu rosto e a girou para admirá-la. - Gostou do vestido?

- Adorei. Obrigada, Gabriel. Sei que custou uma fortuna.

Ele baixou os olhos para os sapatos de Julia.

- Algum problema? - perguntou ela.

Gabriel pigarreou, mantendo o olhar fixo nos pés dela.

- Hum... seus sapatos... eles são, ah...

- *Bonitos*. Não são? - Ela deu uma risadinha.

- São muito mais que bonitos. - A voz dele ficou embargada.

- Bem, professor Emerson, se eu gostar da sua palestra, talvez continue a usá-los mais tarde...

Gabriel ajeitou a gravata e abriu um sorriso convencido.

- Ah, vou garantir que você goste, Srta. Mitchell. Mesmo que precise repeti-la para você a sós, sob as cobertas.

Ela ficou vermelha e Gabriel a tomou nos braços.

– Temos que ir – falou, dando um beijo em seus cabelos.

– Espere. Tenho um presente para você. – Ela foi ao quarto e voltou com uma pequena caixa com a marca Prada estampada.

Ele pareceu surpreso.

– Não precisava.

– Mas eu quis.

Gabriel sorriu e abriu a tampa com cuidado. Ao afastar o papel de embrulho, encontrou uma gravata de seda azul Santorini com uma estampa discreta.

– Adorei. Obrigado. – Ele deu um beijo no rosto de Julia.

– Combina com o meu vestido.

– Agora todos saberão que pertencemos um ao outro.

Na mesma hora ele tirou a gravata verde, jogou-a na mesinha de centro e começou a amarrar o presente de Julia em volta do pescoço.

O terno era novo, feito sob encomenda pelo seu alfaiate preferido na Itália. Era preto, com uma única fileira de botões e fendas laterais. Julia ficou muito admirada com o terno, porém mais ainda com a figura atraente que o vestia.

Não há nada mais sexy do que ver um homem colocar uma gravata, pensou.

– Posso? – ofereceu-se, ao notar que Gabriel se atrapalhava por não estar diante de um espelho.

Ele assentiu e se inclinou para a frente, colocando as mãos em volta da sua cintura. Julia endireitou a gravata e ajeitou o colarinho da camisa, correndo as mãos pela manga do paletó até pousá-las sobre as abotoaduras em seus punhos.

Ele a encarou com um olhar curioso.

– Você ajeitou minha gravata no carro quando a levei para jantar no Antonio's.

– Eu me lembro.

– Não há nada mais sexy do que ver a mulher que você ama ajeitando sua gravata. – Ele pegou as mãos dela. – Nós passamos por muitas coisas desde aquela primeira noite.

Ela ficou na ponta dos pés para beijá-lo, tomando o cuidado de não borrá-lo com o batom.

Gabriel levou os lábios à orelha dela.

– Não sei como vou manter os homens longe de você esta noite. Fique perto de mim o tempo todo.

Julia deu um gritinho quando ele a envolveu com os braços, erguendo-a para lhe dar um beijo de verdade. Isso a obrigou a retocar o batom e, antes de sair, os dois tiveram que conferir a aparência no espelho.

Gabriel segurou a mão de Julia durante a breve caminhada até a Galleria degli

Uffizi e enquanto eram conduzidos ao segundo piso por um senhor um tanto atarracado, que usava uma gravata-borboleta de lã escocesa. Ele se apresentou como Lorenzo, assistente pessoal do *dottore* Vitali.

– *Professore*, sinto muito, mas preciso que o senhor me acompanhe. – Lorenzo correu os olhos de Gabriel para Julia, detendo-se em suas mãos entrelaçadas.

Gabriel a apertou mais.

– É por causa do, como se diz?... na tela? PowerPoint? – explicou Lorenzo, gesticulando para o salão atrás deles, onde os convidados já se reuniam.

– A Srta. Mitchell tem um lugar reservado – disse Gabriel em tom incisivo, irritado por Lorenzo a estar ignorando.

– Sim, *professore*. Eu acompanharei a sua *fidanzata* pessoalmente. – Lorenzo fez um gesto respeitoso com a cabeça na direção de Julia.

Ela abriu a boca para corrigir Lorenzo quanto àquele título, mas Gabriel beijou sua mão e em seguida murmurou uma promessa, roçando os lábios em sua pele. Então ele foi embora e Julia foi conduzida até o seu lugar de honra na primeira fila.

Ela olhou ao redor e notou a presença do que pareciam ser membros dos *glitterati* de Florença, a elite da cidade, socializando com acadêmicos e dignitários locais. Julia correu as mãos pela saia do vestido, deliciando-se com o farfalar do tecido sob seus dedos. Considerando a aparência dos demais convidados e a presença de um bando de fotógrafos, ficou feliz por estar bem-vestida. Não queria constranger Gabriel numa ocasião tão importante.

A palestra seria dada no Salão Botticelli, que era dedicado às obras mais ilustres do artista. O púlpito havia sido colocado entre *O nascimento de Vênus* e a *Madona da romã*, enquanto o quadro *A primavera* podia ser visto à direita da plateia. As obras na parede esquerda tinham sido retiradas para dar lugar a uma tela grande, na qual a apresentação de Gabriel seria projetada.

Ela sabia quanto era incomum que houvesse uma palestra em um lugar tão especial e, em silêncio, fez uma prece de agradecimento por aquela incrível bênção. Ela havia cursado o último ano de faculdade em Florença e costumava ir ao Salão Botticelli pelo menos uma vez por semana, às vezes mais. Achava sua obra ao mesmo tempo reconfortante e inspiradora. Como uma universitária americana tímida, jamais teria imaginado que, dois anos depois, voltaria àquele salão como acompanhante de um especialista em Dante mundialmente renomado. Sentia-se como se tivesse ganhado mil vezes na loteria.

Mais de cem pessoas lotavam o recinto e algumas tiveram que ficar de pé no fundo do salão. Julia observou Gabriel ser apresentado a vários convidados que

aparentavam ser importantes. Ele era um homem muito atraente, alto, de uma beleza rústica. Ela admirava especialmente os seus óculos e a maneira como seu terno escuro e elegante lhe caía com perfeição.

Quando algumas pessoas se puseram entre os dois, bloqueando o campo de visão de Julia, ela se concentrou na voz de Gabriel. Ele conversava com cordialidade, alternando sem hesitação italiano, francês e alemão.

(Ele era sexy até falando alemão.)

Ela ficou excitada ao se lembrar de como Gabriel era por baixo do terno, seu corpo nu sobre o dela. Julia se perguntou se ele também teria esse tipo de pensamento quando a olhava. Ainda perdida em suas reflexões, seus olhares se cruzaram e Gabriel piscou para ela. Essa breve demonstração de bom humor fez a mente de Julia retornar àquela manhã, quando os dois estavam no terraço, e um tremor de prazer percorreu sua espinha de alto a baixo.

Gabriel permaneceu sentado enquanto o *dottore* Vitali o apresentava, relatando de forma minuciosa, ao longo de nada menos do que quinze minutos, as façanhas do professor. Para o observador casual, Gabriel parecia relaxado, quase entediado. A única coisa que entregava seu nervosismo era o fato de ele ficar remexendo, sem perceber, as anotações que fizera para a palestra – e que não passavam de um roteiro para as observações que ele já sabia de cor. Gabriel tinha feito mudanças de última hora em seu texto. Não poderia falar de musas, amor e beleza sem fazer menção ao anjo de olhos castanhos que havia se entregado bravamente a ele na noite anterior. Desde que ela tinha apenas 17 anos vinha sendo sua inspiração. Sua beleza discreta e generosidade haviam tocado o coração dele. Gabriel guardara sua imagem como um talismã contra os demônios sombrios do vício. Ela era tudo para Gabriel e Deus era testemunha de que ele estava prestes a declarar isso em público.

Depois de muitos louvores e aplausos, ele assumiu sua posição atrás do púlpito e se dirigiu à plateia em italiano fluente:

– Minha palestra esta noite será um tanto incomum. Embora eu não seja historiador da arte, falarei sobre a musa de Sandro Botticelli, *La Bella Simonetta*.
– Neste instante, os olhos dele buscaram os de Julia.

Ela sorriu, tentando conter o rubor que ameaçava se espalhar pelas suas faces. Conhecia a história de Botticelli e Simonetta Vespucci. Simonetta era chamada de *A Rainha da Beleza* na corte de Florença, antes de morrer à tenra idade de 22 anos. O fato de Gabriel compará-la a Simonetta era um elogio e tanto.

– Abordarei esse tópico polêmico como professor de literatura, analisando a obra de Botticelli como uma representação de vários arquétipos femininos.

Historicamente falando, há muitas controvérsias quanto ao grau de intimidade entre Simonetta e Botticelli e até que ponto ela de fato inspirou sua obra. Espero conseguir contornar algumas dessas divergências para que vocês possam se concentrar numa comparação visual direta de algumas imagens. Começarei com três slides nos quais vocês reconhecerão ilustrações a bico de pena de Dante e Beatriz no Paraíso.

Gabriel não pôde deixar de admirar ele próprio as imagens, pois se viu transportado de volta ao dia em que recebera Julianne em sua casa pela primeira vez. Foi naquela noite que percebeu quanto queria lhe dar prazer e como ela ficava bonita quando estava feliz.

Enquanto observava a serenidade da expressão de Beatriz, comparava o semblante dela ao de Julia – seu lindo perfil compenetrado admirando o desenho de Botticelli. Gabriel queria fazê-la olhar para ele.

– Notem o rosto de Beatriz. – Sua voz ficou mais suave quando seus olhos encontraram os de sua amada. – Um rosto de extraordinária beleza... Começamos com a musa de Dante e com a figura de Beatriz. Embora ela dispense apresentações, permitam-me observar que Beatriz representa o amor cortês, a inspiração poética, a fé, a esperança e a caridade. Ela é o ideal de perfeição feminina: ao mesmo tempo inteligente e compassiva, repleta do tipo de amor altruísta que só pode vir de Deus. Ela inspira Dante a ser um homem melhor.

Gabriel se interrompeu por alguns instantes e remexeu na gravata. Ela não precisava ser ajeitada, mas ainda assim os dedos dele se demoraram sobre a seda azul. Diante daquele gesto, Julia deu uma piscadela e Gabriel soube que ela havia entendido.

– Agora observem o rosto da deusa Vênus.

Todos os olhos no salão, exceto os de Gabriel, se voltaram para *O nascimento de Vênus*. Ele consultou avidamente suas anotações enquanto a plateia admirava uma das mais ilustres obras de Botticelli.

– Vênus parece ter o rosto de Beatriz. Mais uma vez, não estou interessado em uma análise histórica das modelos dos quadros. Peço apenas que notem as semelhanças entre as duas figuras. Elas representam duas musas, dois tipos ideais, um teológico e outro secular. Beatriz é a amante da alma; Vênus é a amante do corpo. *La Bella* de Botticelli possui ambos os rostos: o do amor sacrificial, ou *ágape*, e o do amor sensual, ou *eros*.

A voz dele ficou mais grave e, ao ouvi-la, Julia sentiu sua pele se aquecer.

– Na representação de Vênus, a ênfase está em sua beleza física. Embora represente o amor sexual, ela se mantém recatada, cobrindo-se com os cabelos. Perce-

bam a expressão tímida e a mão posicionada sobre o peito. Sua timidez aumenta o erotismo do retrato, em vez de diminuí-lo. – Ele tirou os óculos para acrescentar um efeito dramático às suas palavras e fixou o olhar em Julia. – Muitos não conseguem ver quanto o recato e a delicadeza podem intensificar o apelo erótico.

Julia brincou com o zíper da bolsa, resistindo ao impulso de se remexer na cadeira. Gabriel tornou a pôr os óculos.

– *Eros* não é sinônimo de luxúria. A luxúria é um dos sete pecados capitais. O amor erótico pode incluir sexo, mas não se limita a ele. *Eros* é o fogo voraz da paixão e do afeto que se expressa na emoção de *estar-se apaixonado*. E posso garantir que ele supera todos os rivais.

Julia não pôde deixar de notar a maneira desdenhosa como ele pronunciou a palavra *rivals*, fazendo um gesto com a mão para dar ênfase. Era como se estivesse descartando todas as suas amantes anteriores com um só movimento, enquanto mantinha os olhos azuis fixos nela.

– Qualquer um que já tenha se apaixonado sabe a diferença entre *eros* e luxúria. Não há comparação. Esta é a sombra vazia e insatisfatória daquele. É claro que se pode contra-argumentar que nenhuma pessoa, nenhuma mulher, seria capaz de representar tanto o ideal do ágape quanto o do *eros*. Perdoem-me, mas acho que esse ceticismo é uma forma de misoginia. Apenas um misógino defenderia que mulheres são santas ou sedutoras, virgens ou prostitutas. É claro que uma mulher, ou um homem, pode ser ambos: a musa pode ser a amante *tanto* do corpo *quanto* da alma.

Ele fez uma breve pausa.

– Agora vejamos a pintura que está atrás de mim, intitulada *Madona da romã*.

A plateia voltou o olhar para o outro quadro de Botticelli. Satisfeito, Gabriel notou a maneira como Julia tocou um de seus brincos de diamantes, como se tivesse compreendido suas revelações e as aceitasse de bom grado. Como se entendesse que ele estava revelando seu amor por ela por meio da arte. Seu coração inflou no peito.

– Aqui também vemos o mesmo rosto repetido na figura da Madona. Beatriz, Vênus e Maria: a trindade das mulheres ideais, todas com o mesmo rosto. Ágape, *eros* e castidade, uma combinação inebriante capaz de pôr de joelhos até o mais forte dos homens, se ele tivesse a sorte de encontrar alguém que manifestasse essas três facetas.

Ouviu-se uma tosse suspeita, como se tentasse disfarçar um comentário sarcástico. Irritado com a interrupção, Gabriel fez uma careta para um ponto da segunda fileira, por sobre o ombro de Julia. A tosse se repetiu, com um efeito

mais dramático, e dois pares de olhos se enfrentaram num duelo carregado de testosterona entre o professor e um italiano claramente incomodado.

Consciente de que usava um microfone, Gabriel resistiu à tentação de praguejar e, fuzilando seu desafiante com os olhos, prosseguiu:

– Há quem defenda que foi uma romã, e não uma maçã, que tentou Eva no Jardim do Éden. No caso do quadro de Botticelli, muitos disseram que a romã simboliza o sangue de Cristo em seu sofrimento e em sua subsequente vida nova por meio da ressurreição. Na minha interpretação, a romã representa o fruto edênico, a Madona é uma segunda Eva, e Cristo, um segundo Adão. Com essa Madona, Botticelli remonta à primeira Eva, o arquétipo da feminilidade, beleza e companhia feminina. Mais do que isso, afirmo que Eva também é o ideal de amizade feminina, a *amiga* de Adão, sendo, portanto, o ideal de *philia*, o amor que nasce da amizade. A amizade entre Maria e José também revela esse ideal.

A voz de Gabriel falhou e ele precisou tomar um pouco de água antes de continuar. Algo na comparação entre Julia e Eva fez com que ele se sentisse vulnerável, nu, levando-o de volta à noite em que lhe oferecera uma maçã e a mantivera em seus braços, sob as estrelas.

Um burburinho começou a se espalhar pela plateia, que se perguntava por que uma pausa para um copo d'água havia se tornado uma interrupção tão longa. Gabriel enrubesceu ao erguer os olhos para fitar novamente sua amada, desesperado pela sua compreensão.

Os lábios de Julia, da cor de um rubi, se abriram em um sorriso encorajador. Gabriel suspirou.

– A musa de Botticelli é uma santa, amante e amiga, não uma representação unidimensional de uma mulher ou uma fantasia adolescente. Ela é real, complexa e infinitamente fascinante. Uma mulher a ser adorada. Como vocês sabem, a precisão da língua grega nos permite falar de forma mais clara sobre os diferentes tipos de amor. Se estiverem interessados, poderão encontrar uma abordagem moderna dessa discussão no livro *Os quatro amores*, de C. S. Lewis.

Ele pigarreou e abriu um sorriso triunfante para o salão.

– Por fim, observemos a pintura à minha esquerda, *A primavera*. Era de se esperar que o rosto da musa de Botticelli estivesse refletido na figura central do quadro. Mas vejam o rosto de Flora, à direita. Ela guarda uma semelhança com a Madona, Vênus e Beatriz. O mais surpreendente, no entanto, é que Flora aparece duas vezes na pintura. Se olharmos do centro do quadro para a direita, podemos vê-la grávida do filho de Zéfiro. Zéfiro está na extremidade direita, pairando

entre as laranjeiras com uma segunda representação de Flora, como uma ninfa virgem. A expressão dela é marcada pelo medo. Ela foge dos braços de seu futuro amante, olhando para trás, apavorada. Quando aparece grávida, porém, seu semblante é sereno. O medo é substituído pelo contentamento.

Julia ruborizou-se ao se lembrar de como Gabriel tinha sido gentil com ela na noite anterior. Ele a havia tratado com ternura e carinho e, nos seus braços, ela se sentira venerada. Estremeceu ao pensar no mito de Flora e Zéfiro, desejando que todos os amantes fossem tão carinhosos com suas parceiras virgens quanto Gabriel havia sido com ela.

– Flora representa a consumação do amor físico e da maternidade. Ela é o ideal do *storge*, o amor familiar ou companheiro, o tipo de amor que uma mãe sente pelo filho ou que existe entre amantes que têm um compromisso não baseado apenas no sexo e no prazer, mas também no companheirismo conjugal.

Somente Julia notou os nós dos dedos de Gabriel ficarem brancos quando ele agarrou o púlpito com as duas mãos. Só ela percebeu o pequeno tremor em sua voz quando ele pronunciou as palavras *grávida* e *maternidade*.

Ele franziu as sobrancelhas e, recompondo-se, remexeu nos papéis por alguns instantes. Julia conhecia o motivo de sua vulnerabilidade e precisou lutar contra o impulso de ir até ele e abraçá-lo. Começou a bater com o salto agulha de um de seus sapatos cor de tangerina no chão, ansiosa.

Gabriel notou o movimento repentino dela e engoliu em seco antes de prosseguir:

– Nos primeiros escritos sobre *A primavera*, afirmava-se que Flora se assemelhava a *La Bella Simonetta*, a musa de Botticelli. Se isso for verdade, podemos dizer, com base apenas em uma avaliação visual, que Simonetta serviu também de inspiração para a Madona, Vênus e Beatriz, pois todas compartilham do mesmo rosto. Dessa forma, temos os ícones do *ágape*, do *eros*, da *philia* e do *storge* representados todos num só rosto, numa só mulher: Simonetta. Em outras palavras, poderíamos sugerir que Botticelli vê em sua musa todos os quatro tipos de amor e todos os quatro ideais de feminilidade: santa, amante, amiga e esposa. No fim das contas, contudo, devo voltar para onde comecei, com Beatriz. Não é coincidência que a inspiração por trás de uma das obras literárias mais famosas da Itália tenha recebido os traços de Simonetta. Diante de tamanha beleza, de tamanha bondade, que homem não iria querê-la ao seu lado não só por uma estação, mas por toda a vida?

Ele correu os olhos pelo salão, sério.

– Nas palavras do poeta: *Eis que surge sua bem-aventurança*. Obrigado.

Quando Gabriel encerrou sua palestra, recebendo aplausos entusiasmados, Julia teve que piscar algumas vezes para conter as lágrimas, tomada pela emoção.

O *dottore* Vitali voltou ao palanque, apresentando seus agradecimentos ao professor Emerson por suas palavras esclarecedoras. Um pequeno grupo de políticos locais lhe ofereceu vários presentes, incluindo um medalhão que representava a cidade de Florença.

Julia continuou em seu lugar pelo máximo de tempo possível, esperando que Gabriel fosse até ela. Mas ele estava ocupado demais com muitos dos membros da plateia, entre eles vários historiadores da arte inconvenientes.

(Era uma audácia, se não puro narcisismo, que um reles professor de literatura analisasse as peças mais valiosas da coleção da Galleria degli Uffizi.)

Relutante, ela o seguiu enquanto jornalistas o enchiam de perguntas. Julia cruzou olhares com ele, que lhe abriu um sorriso tenso de desculpas antes de posar para fotos.

Frustrada, ela vagou por alguns dos salões contíguos, admirando as obras até chegar a uma de suas favoritas, *A anunciação*, de Leonardo da Vinci. Estava perto do quadro, perto demais, na verdade, observando os detalhes da peça de mármore, quando uma voz em italiano soou em seu ouvido:

– Gosta deste quadro?

Julia levantou a cabeça e encarou um homem de cabelos negros e pele muito bronzeada. Ele era mais alto que ela, mas não muito, e corpulento. Usava um terno preto muito caro, com uma rosa solitária presa à lapela. Julia o reconheceu como um dos convidados que havia se sentado atrás dela durante a palestra.

– Sim, muito – respondeu ela em italiano.

– Sempre admirei a profundidade que Da Vinci imprimia a suas pinturas, especialmente o sombreamento e os detalhes na peça de mármore.

Ela sorriu e se voltou para o quadro.

– Era exatamente isso que eu estava analisando. E também as penas nas asas do anjo. São incríveis.

O cavalheiro fez uma mesura.

– Por favor, permita que eu me apresente. Sou Giuseppe Pacciani.

Julia hesitou, reconhecendo o sobrenome. Era o mesmo do suspeito de ser o mais famoso serial killer de Florença.

O homem parecia esperar que ela respondesse a sua apresentação, por isso Julia conteve o impulso de sair correndo.

– Julia Mitchell. – Ela estendeu a mão num gesto cortês, mas ele a surpreendeu

ao agarrá-la pelos braços e aproximá-la de seus lábios, erguendo os olhos em sua direção enquanto a beijava no rosto.

– Encantado. E, se me permite, devo dizer que sua beleza rivaliza com a de *La Bella Simonetta*. Especialmente à luz da palestra dessa noite.

Julia desviou o olhar e recolheu a mão depressa.

– Permita-me lhe oferecer uma bebida.

Ele se apressou em chamar um garçom e pegou duas taças de espumante da bandeja. Bateu as taças uma na outra e fez um brinde à saúde deles.

Julia bebericou o espumante Ferrari, agradecida, pois aquilo serviu para distraí-la do olhar intenso do homem. Ele era charmoso, mas ela estava desconfiada e não era só por causa do seu sobrenome.

Ele abriu um sorriso voraz.

– Sou professor universitário. Literatura. E você?

– Eu estudo Dante.

– Ah, *il Poeta*. Também sou especialista em Dante. Onde você estuda? Não é aqui. – Os olhos dele se desviaram do rosto de Julia e percorreram o corpo dela até os seus pés, antes de voltarem a encará-la.

Ela deu um passo largo para trás.

– Na Universidade de Toronto.

– Ah! Uma canadense. Uma ex-aluna minha está estudando lá. Talvez vocês se conheçam. – Ele se aproximou um passo.

Julia decidiu não corrigi-lo quanto a sua nacionalidade e tornou a recuar.

– Acho que não. A Universidade de Toronto é enorme.

Giuseppe sorriu, mostrando dentes muito retos e brancos que emitiam um brilho estranho sob a luz do museu.

– Já viu o quadro *Perseu libertando Andrômeda*, de Piero di Cosimo? – Ele apontou uma das pinturas do salão.

Julia assentiu.

– Já.

– Há elementos da pintura flamenga na obra dele, percebe? Observe também as figuras paradas na multidão. – Ele gesticulou para um grupo reunido no canto direito do quadro.

Julia deu um passo para o lado a fim de enxergar melhor. Giuseppe parou atrás dela, muito mais perto do que devia, observando-a analisar a pintura.

– Gosta?

– Sim, mas prefiro Botticelli – respondeu ela, teimando em manter os olhos no quadro, na esperança de que ele se cansasse de ficar perto dela e se afastasse.

(De preferência para a outra margem do Arno.)

– Você é aluna do professor Emerson?

Julia engoliu em seco.

– Não. Eu... estudo com outra pessoa.

– Ele é considerado bom para os padrões americanos, o que explica por que foi convidado para discursar aqui. Mas a palestra dele foi constrangedora. Como você descobriu Dante?

Julia estava prestes a discutir com Giuseppe sobre sua opinião a respeito da palestra quando ele estendeu a mão para tocar seus cabelos.

Ela se encolheu e recuou, mas os braços dele eram longos e sua mão a seguiu. Ela abriu a boca para censurá-lo quando alguém bufou perto dos dois.

Giuseppe e Julia se viraram devagar e depararam com Gabriel, seus olhos cor de safira faiscando, as mãos na cintura, inflando seu paletó aberto como as plumas de um pavão furioso.

Ele deu um passo ameaçador à frente.

– Vejo que já conheceu minha *fidanzata*. Sugiro que mantenha suas mãos sob controle, a menos que queira perdê-las.

Giuseppe fez uma careta antes de sua expressão se abrandar num sorriso educado.

– Estamos conversando já há alguns minutos. Ela nem mencionou o seu nome.

Para que Gabriel não tivesse chance de arrancar os braços de Giuseppe, sujando de sangue o piso impecável da Galleria, Julia se colocou entre os dois e pousou a mão no peito dele.

– Gabriel, este é o professor Pacciani. Ele também é especialista em Dante.

Os dois homens trocaram olhares e Julia percebeu que Pacciani era o homem que havia interrompido de modo grosseiro a palestra de Gabriel, murmurando e tossindo.

Ele ergueu as mãos, fingindo se render.

– Mil perdões. Eu deveria ter percebido que ela era sua pelo modo como você a olhava durante a sua... palestra. Perdão, *Simonetta*. – Pacciani a encarou e manteve os olhos fixos nos dela, sua boca se entreabrindo num sorriso irônico.

Ao som do sarcasmo de Pacciani, Gabriel se aproximou um passo, os punhos cerrados.

– Querido, preciso encontrar um lugar para deixar minha taça. – Julia balançou a taça de espumante vazia, na esperança de que isso distraísse Gabriel.

Ele pegou a taça e a entregou a Pacciani.

– Tenho certeza de que você sabe o que fazer com isso.

Puxando Julia pela mão, ele a arrastou para longe dali. Conforme os dois atravessavam o Salão Botticelli, os convidados se separavam, como o mar Vermelho.

Julia viu cada um dos presentes olhar para eles e foi ficando mais e mais vermelha.

– Para onde estamos indo?

Ele a conduziu rumo ao corredor ladrilhado contíguo e começou a percorrê-lo, afastando-se o máximo possível dos ouvidos dos demais convidados. Empurrando-a para um canto escuro, ele a posicionou entre duas grandes estátuas de mármore sobre seus pedestais. Ela parecia minúscula entre as formas imponentes.

Gabriel pegou a bolsa dela e a jogou de lado. O som do couro se chocando ao chão ecoou pelo corredor.

– O que você estava fazendo com ele? – Os olhos de Gabriel faiscavam e suas faces estavam avermelhadas, o que era raro de acontecer.

– Só estávamos conversando até que ele...

Gabriel a puxou para um beijo tórrido, enfiando uma das mãos nos cabelos dela enquanto a outra deslizava pelo seu vestido. Empurrou-a com o corpo até ela sentir a parede fria da galeria contra a pele nua de suas costas.

– Nunca mais quero ver outro homem pôr as mãos em você.

Ele forçou a língua na boca de Julia, obrigando-a a abrir os lábios, enquanto deslizava a mão pela curva de suas nádegas, massageando a carne com os dedos.

Na mesma hora Julia percebeu que ele havia sido cuidadoso todas as vezes em que a tocara. Mas não agora. Parte dela estava em chamas, desesperada por recebê-lo. Outra parte se perguntava o que ele faria se ela o mandasse parar...

Gabriel levantou a perna esquerda de Julia, apertando a coxa dela contra seu próprio quadril.

Ela o sentiu através do tecido do vestido, ouvindo o tafetá de seda farfalhar, como se fosse o sussurro de uma mulher ofegante. O vestido sem dúvida queria mais.

– O que preciso fazer para torná-la minha? – rosnou ele, a boca colada na dela.

– Eu *sou* sua.

– Não esta noite, ao que parece. – Gabriel sugou o lábio inferior dela para dentro da boca, mordiscando-o de leve. – Não entendeu minha palestra? Cada palavra, cada pintura foi para você.

Sua mão subiu pela saia do vestido de Julia, percorrendo sua coxa até chegar à tira de pano que se estendia em volta do quadril dela.

Ele recuou para olhar seu rosto.

– Não está usando cinta-liga hoje?

Ela balançou a cabeça.

– Então o que é isto? – Os dedos dele puxaram a tira muito fina.

– Uma *calcinha* – sussurrou ela.

Os olhos dele brilharam na penumbra.

– *Que tipo de calcinha?*

– Uma tanga.

Gabriel abriu um sorriso perigoso antes de colar os lábios à orelha dela.

– E devo supor que a vestiu para mim?

– Só para você. Sempre.

Sem aviso, Gabriel a levantou, pressionando-a contra a parede. Levando os lábios ao seu pescoço, ele colou o quadril ao dela. Os saltos longos e finos dos sapatos de Julia se cravaram logo acima das nádegas dele. Ele a encarou com seus olhos azuis, alucinados.

– Quero você. Agora.

Com uma das mãos, Gabriel puxou a tira de pano até ela se rasgar. De repente, Julia se viu nua. Ele estendeu a mão para trás, para esconder a tanga no bolso do paletó, e os saltos dela se moveram, enterrando-se no traseiro dele com tanta força que ele se encolheu.

– Você tem ideia de quanto achei difícil me controlar depois da palestra? Como ansiei por ter você nos meus braços? Ficar jogando conversa fora foi uma tortura quando tudo o que eu queria era isto. Quem dera você pudesse ver como fica sexy com as costas contra a parede e as pernas em volta de mim. Quero você assim, mas sussurrando meu nome, ofegante.

Gabriel deslizou a língua pela base do pescoço de Julia, e ela fechou os olhos. O desejo dela lutava contra sua mente, que a incitava a empurrá-lo para longe, parar e pensar por alguns instantes. Quando estava nesse estado de espírito, Gabriel era perigoso.

De repente, Julia ouviu vozes ecoando pelo corredor e arregalou os olhos.

Os sons de passos e risadas animadas se aproximaram. Gabriel ergueu a cabeça, levando os lábios à orelha dela.

– *Não dê um pio* – sussurrou.

Ela sentiu os lábios dele se curvarem num sorriso, pressionados em sua pele.

Os passos pararam a poucos metros de distância e Julia ouviu duas vozes masculinas conversando em italiano. Seu coração continuou acelerado enquanto ela tentava ouvir algum sinal de movimento. Gabriel continuou a acariciá-la de leve, tapando a boca de Julia com a dele, abafando seus gemidos. De vez em quando, sussurrava palavras sensuais para ela: frases que a faziam ruborizar-se.

Uma das vozes masculinas riu alto. Julia ergueu a cabeça, surpresa, e Gabriel aproveitou a chance para beijar seu pescoço, mordiscando a pele delicada.

– Por favor, não me morda.

As vozes ecoavam em volta deles. Demorou um pouco, mas por fim o significado das palavras dela conseguiu vencer a excitação frenética de Gabriel. Ele levantou a cabeça, afastando-se do pescoço de Julia.

Com seus peitos unidos daquele jeito, ele podia sentir o coração dela. Fechou os olhos, como se arrebatado pelo seu ritmo acelerado. Quando tornou a abri-los, as chamas já haviam se apagado quase por completo.

Julia havia se esmerado em esconder a marca da mordida de Simon com maquiagem, mas Gabriel a encontrou com o dedo, contornando-a de leve antes de beijá-la. Ele expirou muito devagar e balançou a cabeça.

– Você é a primeira mulher que diz não para mim.

– Não estou dizendo não.

Ele olhou por sobre o ombro e viu dois homens mais velhos entretidos numa conversa. Estavam perto o suficiente para vê-lo, se olhassem em sua direção.

Ele voltou a encarar Julia e abriu um sorriso triste.

– Você merece mais do que ser possuída contra a parede por um amante ciumento. E não estou interessado em ser flagrado pelo nosso anfitrião. Peço desculpas.

Ele a beijou e esfregou o polegar debaixo do seu lábio inferior inchado, limpando uma pequena mancha de batom vermelho de sua pele clara.

– Não vou arruinar a confiança que vi em seus olhos ontem à noite. Quando eu estiver com a cabeça no lugar e tivermos o museu só para nós dois... – A expressão dele ficou carregada enquanto fantasiava com aquilo. – Talvez em outra ocasião.

Ele tirou os saltos de Julia de cima de suas nádegas e a pôs de pé, inclinando-se para ajeitar a saia de seu vestido. O tafetá farfalhou sob o toque dele e então pareceu se calar com tristeza.

Por sorte, o *dottore* Vitali e seu companheiro escolheram aquele exato momento para voltar à festa, o som de seus passos ficando cada vez mais baixo à medida que eles se afastavam.

– O banquete será servido daqui a pouco. Seria um insulto eu ir embora agora. Mas, quando levar você para o hotel... – Ele cravou os olhos nos dela. – Nossa primeira parada vai ser na parede junto à porta do nosso quarto.

Julia assentiu, aliviada por ele não estar mais zangado. Na verdade, ainda se sentia um pouco nervosa, mas muito excitada diante da perspectiva de fazer sexo *contra a parede*.

Ele ajeitou a calça e abotoou o paletó, forçando seu corpo a se acalmar. Tentou arrumar o cabelo, mas só conseguiu ficar mais parecido com alguém que acabara de arrastar a amante para fazer sexo num canto escuro do museu.

Sexo no museu é motivo de especial arrependimento para certos acadêmicos. (Mas não deve ser desdenhado antes de se experimentar.)

Julia penteou o cabelo dele e endireitou sua gravata, conferindo seu rosto e seu colarinho em busca de marcas de batom. Quando terminou, ele pegou a bolsa e a *pashmina* dela, que também havia caído no chão, e as devolveu a Julia com um beijo. Com um sorriso malicioso, ajeitou a calcinha no bolso do paletó para que ela não ficasse à mostra.

Ela deu um passo hesitante, descobrindo que a ausência da calcinha lhe dava uma surpreendente sensação de liberdade.

– Eu poderia beber você como se fosse uma taça de espumante – sussurrou ele. Ela ficou na ponta dos pés para beijar seu rosto.

– Gostaria que você me ensinasse seus truques de sedução.

– Só se você me ensinar a amar como você ama.

Gabriel a conduziu pelo corredor vazio e escadas abaixo até o primeiro piso, onde o banquete estava começando.



O professor Pacciani voltou cambaleando para seu apartamento em frente ao Palazzo Pitti nas primeiras horas da madrugada – o que não era nada incomum.

Ele se atrapalhou com as chaves, praguejando ao deixá-las cair no chão, e entrou no flat, fechando a porta atrás de si. Foi até o pequeno quarto onde seus dois filhos de 4 anos dormiam, beijou-os e depois se arrastou até seu escritório.

Fumou preguiçosamente um cigarro enquanto esperava o computador iniciar, então acessou sua conta de e-mail. Ignorou a caixa de entrada e escreveu uma breve mensagem para uma ex-aluna e amante. Os dois não se falavam desde a formatura dela.

Ele mencionou ter conhecido o professor Emerson e sua jovem *fidanzata* canadense. Embora ele tivesse ficado impressionado com a monografia de Emerson, publicada pela Oxford University Press, a palestra do professor lhe deu uma impressão de pseudointelectualidade que não tinha espaço num discurso acadêmico. Ou bem se era intelectual e acadêmico, ou bem se era um palestrante interessado em entreter o público. As duas coisas era impossível. Pacciani perguntou, de forma grosseira, se as coisas seriam assim nas universidades da América do Norte.

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter: @editoraarqueiro

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br